

| José Duarte |

(n. 1938) fundou o Clube Universitário de Jazz, em 1958. No mesmo ano estreou-se na Rádio Universidade, com o programa "O Jazz esse Desconhecido" e, dois anos depois, no Diário de Lisboa. É responsável pelo programa radiofónico "Cinco Minutos de Jazz" (Rádio Renascença 1966-1975; Rádio Comercial 1984-1993; RTP - antena 1; desde 1993), e integrou noutros projectos como "Pão com Manteiga"; "À volta da meia-noite"; "Abandajazz" ou "A menina dança?" (na RTP antena 1 desde 1993). Na RTP 2 apresentou "Outras Músicas" (1990 a 1993) e "Jazz a Preto e Branco" (2001). Publicou os livros "João na Terra do Jaze" (1981); "Jazzé e Outras Músicas" (1994); "Cinco Minutos de Jazz" (2000); "Jazz, Escute e Olhe - Portugal 1971 - 2001" (2001) e "Poezz - Jazz na Poesia em Língua Portuguesa" (2004). Entre 2006 e 2008 coordenou para o Ministério da Cultura organização de uma orquestra de jazz com jovens músicos alemães, portugueses e eslovenos. É Professor Auxiliar Convidado (desde 2002) na Universidade de Aveiro. Em 10 Junho de 2009 foi condecorado pela Presidência da República como Grande Oficial da Ordem de Mérito.

De J a ZZ

Não terá sido uma entrevista fácil nem de respostas extensas; tal como o Jazz, exige apreço. Por correio electrónico, José Duarte falou-nos sobre o seu mais recente livro, “História do Jazz”.

Uma obra de consulta, aprendizagem e opinião

O jazz é um som que vive das surpresas, como já o definiu um programa radiofónico, designação mais tarde recuperada por um festival especializado. O que não constitui nenhuma surpresa é que quando se fale desta música entre nós, um dos nomes que surja imediatamente seja o de José Duarte, com longo percurso na rádio, nos livros, na televisão e, recentemente, até na Universidade. É da sua responsabilidade a “História do Jazz”, uma edição amplamente ilustrada colocada agora no mercado pela mão da Sextante.

Logo na primeira frase, José Duarte “provoca” o leitor ao dizer que “as histórias do jazz são todas iguais”. A pergunta óbvia seria, então, porquê fazer esta. A resposta é enviada em poucas palavras: **“porque esta é diferente das outras e não igual a todas, é a primeira em língua portuguesa”**.

Alinhado numa sequência cronológica, o livro agora editado surge como uma viagem pela evolução do jazz, sem grandes artifícios críticos, mas também sem se limitar a alinhar nomes. No fundo, poder-se-ia dizer que é um livro de leitura simples, para iniciados, mas que tem algumas frases colocadas para fazer sorrir, de cumplicidade, os que já conhecem as referências citadas.

A José Duarte parece não agradar a imagem, como faz questão de realçar, ao retorquir **“não gosto que se sorriam do jazz nem que se riam”**, para prontamente acrescentar: **“gosto mais de rir do que sorrir”**.

É habitual dizer-se que o Jazz nasceu popular mas tornou-se numa música de elites. Podemos perguntar-nos se esta designação faz sentido, mas para José Duarte o termo não será o mais adequado: **“não escreva elites!...”**, admoesta, acrescentando que **“jazz tornou-se Música de minorias”**

A páginas tantas, lê-se em “História do Jazz”: “O jazz não nasceu em Nova Orleães – como ninguém sabe exactamente quando e onde alguém nasceu – , mas Nova Orleães serve perfeitamente para o efeito, dado que era um centro de encontro de raças e costumes, de defeitos e qualidades”. Embora o jazz, “oficialmente” surja na América, ele é o resultado de enormes movimentações, económicas, sociais e militares dirigidas a partir da Europa. Quanto à dúvida sobre se, hoje, é possível considerar o jazz mais europeu ou americano, sintetiza em meia linha: **“jazz é Música do património cultural negro norte-americano”**.

O jazz é uma espécie de banda sonora do século XX. A sua idiossincrasia acarreta que ao longo da sua existência se tenha já misturado com todas as outras músicas (há registos de fusão entre jazz e quase todos, ou mesmo todos, os restantes géneros musicais...). Ou, se calhar, está no seu ADN, como se entende nas palavras de José Duarte ao salientar que **“jazz sempre foi Música de fusão até em New Orleans no seu início; fusão de Música africana com Música europeia ocidental de países dados à escravatura Portugal incluído”**.

A entrada do jazz em Portugal deu-se perante grandes protestos e críticas, até de algumas “sumidades” da música. Seria interessante discutir o que movia os entusiastas portugueses e o porquê dessas críticas tão ácidas. Para José Duarte a questão parece simples: **“vivia-se em ditadura e jazz é Música difícil para a burguesia europeia ocidental”**.

Se com o jazz clássico era difícil, com o free jazz então, imagine-se. Questiono o nosso entrevistado sobre o concerto organizado em 1972, no Teatro Monumental, com o quinteto de Steve Lacy (e a coisa foi tão irónica que, quando Irene Aebi começa a sintonizar um radio transístor, a voz do locutor faz-se ouvir, alto e bom som: “moral da bíblia...”). Por lapso, ao pretender salientar que foi o primeiro disco

TEXTO

João Morales

FOTOS

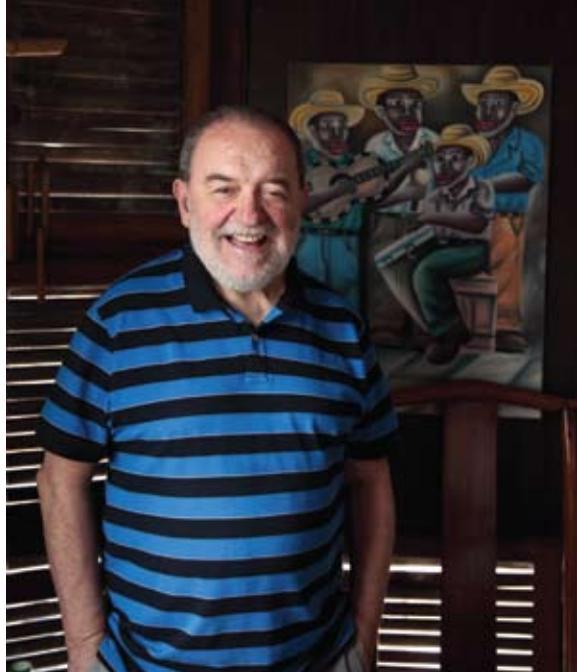
Artur

de jazz gravado ao vivo em Portugal, designo-o como “o primeiro concerto de free jazz em Portugal”, ao que sou acertada e prontamente corrigido: **“o primeiro concerto de free jazz em Portugal foi em Novembro 1971 com o 4teto de Ornette Coleman no 1º festival internacional jazz de Cascais”**. Mas o que eu queria realmente era saber era como correu a experiência. **“O concerto com Steve Lacy e Steve Potts que se transformou num LP hoje no CD ‘Estilhaços’ dediquei-o em palco ao embaixador de Cuba ilha já socialista e embaixador convidado na sala Monumental em Lisboa”**, recorda.

A liberdade é um dos motores desta música, dado que a existência de improvisação permite uma maior autonomia do discurso do músico. E essa liberdade ganhou amplitude, conotações, com o surgimento do free jazz, sintomático da década em que nasceu, os anos 60 do século passado, marcada por contestações várias e reivindicações muitas. A certa altura do livro lê-se: “O Jazz sempre foi mais free do que todas as outras músicas mas, com o verdadeiro free jazz, as coordenadas são outras. Quase não existem”. Porém, apesar do seu passado, o jazz também terá alguns reaccionários... **“reaccionários sempre existiram e existem em todas as artes”**, comenta laticamente José Duarte.

Falando de ideologias e perfis, muitas vezes se questiona como é possível (quando se trata de escritores, então, é uma constante) separar a arte do artista, da sua personalidade. Questionado sobre se, para si (que contactou com tantos e tão famosos músicos), isso tem sido difícil, a resposta é curta, mas deixa pistas: **“Chick Corea é um notável compositor e instrumentista”**.

Altura ideal da entrevista para tentar saber quais foram as personalidades mais marcantes com quem se cruzou. Numa das respostas mais extensas desta entrevista, alinha, sem mais comentários, muitas figuras de peso: **“Louis**



Dedicação | Um divulgador nato e persistente

Armstrong, James Moody, Betty Carter, Sheila Jordan, Stan Getz, Elvin Jones, Dewey Redman, Max Roach, Sam Rivers, Roland Kirk, Aldo Romano, McCoy Tyner, Charles Mingus, Tete Montoliu, Dave Holland, Ronnie Scott, Charlie Haden, Steve Potts, Jean François Jenny-Clark, Phil Woods, Rashied Ali, Ornette Coleman, Steve Lacy, Diana Krall, Jason Moran”.

Actualmente, José Duarte está ligado à Universidade de Aveiro, onde lecciona, naturalmente, nesta área musical a que dedicou a sua vida. Quisemos saber mais, em que consiste e a quem se destina. Sem grandes pormenores, apenas podemos adiantar, pelas suas próprias palavras, que essas **“conversas têm-se chamado ‘Audição musical comentada’, ‘História do jazz’, ‘Iniciação ao jazz’ e hoje é curso público”**.

Para encerrar: como reage às discussões constantes sobre se determinada música é ou não jazz?

“Se for Música improvisada e com swing não há discussão”. ¶

Jazz & política

Se o jazz é uma música marcada por uma forte componente ideológica, decidimos pergara uma pequena partida ao nosso entrevistado e pedir-lhe para apontar que músico de jazz aconselharia a ouvir melhor, e porquê, aos seguintes políticos: José Sócrates; Manuela Ferreira Leite; Francisco Louçã; Jerónimo de Sousa e Paulo Portas). Mais uma vez, a resposta foi curta, não sem deixar um final algo enigmático. Ou talvez não...

José Sócrates - Dave Brubeck
Manuela Ferreira Leite - Mary Lou Williams
Francisco Louçã - Dave Douglas
Jerónimo de Sousa - Louis Armstrong

é proibido por lei confessar em quem se vota ou porquê não me lembrei de alguém